



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GIRLENE PEREIRA BARBOSA**

**A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL EM ALENCAR**

GUARABIRA-PB

2012

**GIRLENE PEREIRA BARBOSA**

**A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL EM ALENCAR**

Artigo apresentado a Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação-Português,

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wanilda Lima Vidal de Lacerda

GUARABIRA-PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

B238b	Barbosa, Girlene Pereira A busca da identidade nacional de Alencar / Girlene Pereira Barbosa. – Guarabira: UEPB, 2012. 22f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba. “Orientação Prof. Dr. Wanilda Lima Vidal de Lacerda”. 1. Romantismo Brasileiro    2. José de Alencar 3. Identidade Nacional        I. Título. 22.ed. CDD 869.93
-------	--

GIRLENE PEREIRA BARBOSA

**A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL EM ALENCAR**

BANCA EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wanilda Lima Vidal de Lacerda CPF 025071614-34

Orientadora

Marilene Carlos do Vale Melo

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilene Carlos do vale Melo

Examinadora CPF 070852904-63

José Haroldo Nazari Queiroga

Prof.<sup>o</sup> Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga

Examinador CPF-086986684-04

Aprovada em 27/06/2012

GUARABIRA-PB

2012

Em memória de meu pai Severino do  
Ramo Barbosa, um verdadeiro  
representante dos povos indígenas da Baía  
da Traição.

DEDICO

## A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL EM ALENCAR

### RESUMO

Três obras do romantismo indianista de Alencar: *Ubirajara*, *O Guarani* e *Iracema* são aqui estudadas. O objetivo é analisarmos a figura do índio como fonte de conhecimento para a construção e consolidação do movimento romântico brasileiro e como um símbolo que representasse nosso passado e se identificasse com o presente que estava sendo construído: a identidade nacional. Para realizarmos o nosso estudo, baseamo-nos, principalmente, em BOSI (2003), COUTINHO (2007 e 1997), JOBIM (1998) e SOMMER (2004). Na análise, ressaltamos os pontos mais relevantes das obras como fonte de construção do movimento romântico e a concretização de uma nova literatura brasileira com o índio como herói nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo brasileiro. José de Alencar. Indianismo. Identidade Nacional.

### I - INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade o entendimento sobre a produção indianista de José de Alencar, considerando-a fonte inesgotável de conhecimento sobre a busca de nacionalidade em que os índios foram muito ressaltados e valorizados, como símbolo da pátria. Para isto faremos uma análise das obras: *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, que fazem parte do movimento romântico brasileiro.

O Romantismo no Brasil foi a recusa de toda influência estrangeira e criação de uma literatura nova, cheia de particularidades da nossa cultura e do índio como representação de um povo, através do mito da origem. O nosso país havia se tornado independente do domínio português e forjava uma identidade para a nova nação. O índio foi muito importante na formação da nacionalidade brasileira, devido seu mundo místico e suas façanhas de herói, aliada à beleza da terra selvagem, ainda não colonizada, cheia de riquezas e mistérios.

Ao analisarmos as obras alencarianas *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, observamos que cada um busca um elemento na formação da nacionalidade. Em *O Guarani* e *Iracema*, o índio em seu contato com o colonizador e sua cultura, em “íntima comunhão”, conforme diz Bosi (2003, p.177). Nas duas obras fica muito claro a interação do português com os índios, havendo até amores platônicos e a miscigenação das raças. Em *Ubirajara*, a visão do índio

antes da colonização, o índio em seu aspecto selvagem com sua tradição e sua cultura “incivilizada”.

As obras foram fonte de informações para a criação de uma nacionalidade, ainda recém formada, tentado torná-la sólida e a representação de um povo.

Para este trabalho recorreremos a vários estudiosos que discutem essa problemática como SUMMER (2004), COUTINHO (2007 e 1976) e SODRÉ (1997), entre outros. Objetivamos nesta leitura das obras de Alencar apresentar como o mito e o índio brasileiro foram dois elementos importantes para a formação de nossa literatura.

De início, fazemos um breve abordagem sobre o romantismo brasileiro, para em seguida, procedemos à análise das obras, começando por *Ubirajara* conhecida pela narração de elementos antes da colonização, pois ela mostra os índios no seu espaço natural, ou seja, na mata virgem e os elementos tradicionais de sua cultura. Nela, a busca do mito da criação como fonte de conhecimento para a construção do presente da sociedade.

Em seguida, analisamos a obra mais reconhecida do indianista Alencar *O Guarani*. Nela, a busca da origem do povo através do mito da criação de uma nação, “a experiência do ato de narrar está ligada ao mito, [...] na tentativa de explicar o deslumbramento do mundo que acabava de nascer [...]”(AMORIM,2003,p.13) Nessa obra, encontramos várias características do Romantismo, como a idealização do índio no meio natural e primitivo, o culto à natureza e o apego à religiosidade.

O terceiro livro analisado é *Iracema* que difere dos outros dois por se tratar de uma obra que tem como personagem principal uma mulher, e a linguagem narrativa é bem mais poética.

## **II - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANTISMO E O INDIANISMO**

O Romantismo teve início no século XIX e com ele houve a quebra dos modelos até então seguidos pelos escritores dos séculos anteriores, ou seja, com o Romantismo, deu-se a ruptura dos modelos implantados pelos europeus, como costumava acontecer. No ano de 1808 o Romantismo já começava a manifestar os primeiros acontecimentos, com chegada da Família Real no Brasil. Até então ele que era “colônia de um país atrasado como Portugal” elevou-se à categoria de Reino Unido, transformando todo aspecto do país, com várias transformações na sociedade da época.

O progresso cobriu o país, houve a criação da educação superior no país. Os estudantes, que antes iam estudar no exterior, traziam consigo várias ideias liberais e influências dos países europeus; criação de vários jornais e, o com ele, a criação de folhetim,

que publicava capítulos de obras de vários autores, como periódicos diários, em destaque *Niterói, Revista Brasiliense*. Com o movimento de efervescência em que se encontrava o país, as mudanças foram muito aceitas pelo público, os folhetins, principalmente, pelas mulheres que nesse tempo ainda não iam para a escola, e pelo público em geral. “ Estudantes e mulheres, no quadro urbano imperial constituem, pois o público literário, na sua maior parte.” ( AMORIM, 2003, p.76 ) As inovações foram até hoje extraordinárias na cultura do país. Como afirma Coutinho (2007, p.154),

[...] Depois da presença da Corte portuguesa e a independência, este processo é ascendente e constante, mesmo quando sobressaltado por crises momentâneas, como a da Regência (1831-1840). Particularmente, o progresso cultural é tal que dificilmente se poderá apontar época de maior significação na história da cultura brasileira.

Consequentemente, com essas transformações e a chegada de vários estrangeiros o clima político estava em momento efervescente, houve a independência e o desligamento de influências portuguesas. Nesse momento, o país passava pelo liberalismo do pensamento, devido a vários estrangeiros como Ferdinand Denis. Conforme afirma Coutinho (2007, p.160),

Ao papel de Ferdinand Denis, como ‘pai do romantismo brasileiro’, há de acrescentar os de Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Musset, e outros vultos pré-romântico e romântico. O fato já registrado por Ferdinand Denis e, depois, por Ferdinand Wolf, em *O Brasil literário* (1863); ‘Foram os românticos franceses que, em parte, favoreceram, o verdadeiro romantismo nos outros povos novilatino’. Essa influência, como acentua Paul Hazard, em vez de opressiva foi excitadora, fazendo-os libertarem-se dos grilhões classicizantes.

Vários nomes são listados como influência nesse movimento, entre eles o do escritor romântico português, Almeida Garret e o francês do Iluminismo Jean-Jacques Rousseau, o grande precursor do mito “bom selvagem”. Através deles “os brasileiros puderam sentir como o particularismo, inclusive sob a forma pitoresca, se ajustava ao desejo de definição e à busca de identidade nacional.” (CANDIDO, 2004,p.20) , voltada para questões do cotidiano brasileiro. A literatura estava em momento de formação e de ruptura dos modelos antigos. Como afirma Romero( 1980,p.782,3vol.),

A filosofia dos outros séculos estava no absoluto e a nossa está no relativo; a antiga era *priori* e a nossa é a *posteriori* . Aquela tinha um direito universal, uma gramática universal, uma arte universal, modelo universal pra tudo; esta ensina o direito uma função da vida nacional [...].



Nesse período, estavam ocorrendo vários avanços na filosofia, na ciência e na arte, como “a evolução intelectual obedece à lei do *consensus* em todas as suas faces, Filosofia nova, literatura nova.” (ROMERO, 1980, p.782, 3vol) Por isso, o Romantismo é algo tão fascinante, e o início de uma literatura nova, cheia de particularidades nacionais, e busca de identidade, como refere Jobim (1980, p.41), “O nosso romantismo elegerá o índio como seu herói, entre outras coisas porque este podia ser representado como o nativo legítimo do Brasil-aquele que lutou heroicamente contra os colonizadores estrangeiros”.

Cabe, contudo, lembrar que não foi no Romantismo que o índio foi tematizado pela primeira vez, mas desde as primeiras manifestações literárias, quer como objeto de preocupações religiosas para os colonizadores, principalmente os jesuítas, que queriam vê-los cristianizados, quer no século XVIII, com o Arcadismo, nos poemas *Uruguai* e *Caramuru* em que se manifesta forte sentimento nacional.

O romantismo com linguagem cheia de liberdade, idealização da natureza e de tudo que é natural delinea a figura do índio com sua bondade, beleza e inocência e um estilo de vida totalmente independente e livre, mas que, paradoxalmente, ao interagir com o colonizador, se curva devotamente. Este novo modo de vida poderia representar o nosso país e o índio sim podia ser o representante do movimento, pois ele sempre viveu aqui. Por isso, a literatura do Romantismo encontrou no indígena a afirmação da nacionalidade, a busca do ser nacional. “O romântico é temperamental, exaltado, melancólico. Procura idealizar a realidade, e não reproduzi-la.” (COUTINHO, 2007, p.143). Mais uma vez tomamos Coutinho (2007, p. 141) quando afirma:

A imaginação e o sentimento, a emoção e a sensibilidade, conquistam aos poucos o lugar que era ocupado pela razão. A noção de natureza e seus corolários - a bondade natural, a pureza da vida em natureza, a superioridade da inspiração natural, primitivo, popular, - atraem cada vez mais o interesse e o pensamento dos homens.

A primeira obra do romantismo é *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Domingos da Magalhães publicada em 1836. Foi o grande marco do período e a partir daí, começariam as grandes obras e formação dos autores desse movimento, inclusive a idealização por tudo que representava o nosso povo, por tudo que reconhecesse como patriotismo. A linguagem utilizada era a manifestação da idealização, o exagero, o pitoresco, ou seja, tudo que era misterioso, como as floresta e lugares estranhos, o culto da natureza, o individualismo e subjetivismo, ou seja, as obras como representações do artista; nelas se encontram personalidade “pessoal e íntima”. Como afirma Coutinho (2007, p.147):

Como decorrência da liberdade, espontaneidade e individualismo, no romântico há ausência de regras e formas prescritas. A regra suprema é a inspirações individual, que dita a maneira própria da elocução. O estilo é modelado pelo individualismo do autor. Por isso, o que caracteriza é a espontaneidade, entusiasmo, o arrebatamento. Enquanto o classicista é preso às regras e o realista aos fatos, o romântico é movido pela vontade do artista e pelas emoções e reflexões.

Por isso, as obras desse período são cheias de personagens com características humanas, com comportamentos tão comuns do nosso cotidiano. Devido a sua liberdade de envolvimento com a obra, os escritores transmitiam um pouco de si para a obra. Características essas que nos fazem reconhecer suas virtudes ou seus defeitos. Com a espontaneidade e liberdade surgiram dois grandes nomes, Gonçalves de Magalhães e José de Alencar, os quais mergulham no mundo do “bom selvagem” de Rousseau, que defende o homem primitivo, puro e o engrandecimento de tudo que é natural.

Ambos foram dois grandes nomes do Romantismo que encontraram no nosso índio algo anterior à presença dos colonizadores, e que, em nossa literatura desempenham o papel de nossa origem nacional. Em destaque Alencar (1829-1877), grande estudioso dos velhos cronistas e historiadores, muito observador, que “em círculos da mais seleta convivência”(ROMERO, 1980, p.1466, 5vol). Foi o grande iniciador da prosa brasileira com um estilo simples e vibrante. Como afirma Romero, (1980, p.1467, 5.º v)

[...] foi o grande primeiro nome que deu à prosa no Brasil o labor artístico de estilo aprimorado e brilhante; que tem sido até agora o mais aprimorado de nossos paisagistas e o que mais vigor tem revelado na habilidade de descrever e narrar.

Optou pela valorização do homem natural, ou seja, “o índio como símbolo da origem do nosso povo”. Isso fica bem claro nos em seus romances indianistas *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, os quais com uma de linguagem nova, um vocabulário rico de termos indígenas, enfatiza as lendas, os mitos, os costumes, a natureza exuberante de nossa terra, como algo novo inocente e puro, fascinante pela forma e os detalhes da flora e da fauna ainda virgem de colonizador.

Aos índios foi atribuído um caráter fantástico, devido suas peripécias no mundo não colonizado. O imaginário nos leva para floresta ainda virgem, cheia de mistérios e lendas, com uma visão extremamente paradisíaca, com a figura de um valente e leal selvagem protetor da mata, puro, inocente e acima de tudo, natural. “O nosso romantismo elegerá o

índio como seu herói, [...] ”Pois esse sempre “viveu aqui, e lutou heroicamente contra os colonizadores estrangeiros”. (JOBIM, 1998, p.41)

O índio foi a representação de uma nação, que estava em formação de sua nacionalidade e de sua natureza tropical exuberante, idealizado por Alencar como símbolo da nacionalidade e com características extremamente sublimes como: lealdade, coragem, e sabedoria e por isso agradou tantos os leitores e o povo brasileiro. Os romances indianistas *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* representam, até hoje, os sentimentos de povo na formação de sua literatura. Sobre isto, afirma Coutinho (1976, p.56)

O processo de nacionalidade brasileira consistiu antes em um movimento de afirmação nacional, de busca da própria identidade, de conquista de um caráter nacional, de afirmação de qualidades peculiares[...]. Um nacionalismo a favor das nossas peculiaridades nacionais de povo, de nação, de civilização- mestiça.

Através das obras indianistas, Alencar, além de abordar a relação do índio com o seu ambiente rústico, sem a presença do colonizador, aborda, ao mesmo tempo, as suas atitudes frente o colonizador europeu como personagens fundamentais para o enredo.

### III – O ROMANTISMO INDIANISTA DE ALENCAR EM:

#### 3.1 Ubirajara

O romance *Ubirajara* representa elementos da narrativa “pré-descobrimento”, ou seja, antes da chegada dos colonizadores. A obra retrata os índios em seu espaço típico com a ausência de brancos colonizadores. Nessa narrativa, são exploradas as características dos selvagens: lealdade, esperteza e coragem como elementos engrandecedores dos índios. Nesse momento, Alencar tenta a consolidação da nossa literatura, como afirma na advertência,

Este livro é irmão de *Iracema*.  
Chamai-lhe de lenda como ao outro. Nenhum título responde melhor pela propriedade, como pela modéstia, às tradições da pátria indígena.  
Quem por desfastio percorrer estas páginas, se não tiver estudado com alma brasileira o berço de nossa nacionalidade, há de estranhar entre outras coisas a magnanimidade que ressumbra no drama selvagem a formar-lhe o vigoroso relevo. (*Ubirajara*, p.11)

Em sua obra, Alencar tomou como herói brasileiro o índio em suas façanhas, para construir uma nova imagem do passado, que fosse harmonioso com nossa realidade. Por isso

há ampliação e exagero dos fatos indígenas. Essa foi maneira de Alencar fazer surgir a identidade nacional. Tal como afirma na advertência,

Faço estas advertências para que ao lerem as palavras textuais dos cronistas citados nas notas seguintes não se deixem impressionar por suas apreciações muitas vezes ridículas. E indispensável escoimar o fato dos comentários de que vem acompanhado, para fazer uma idéia exata dos costumes e índoles dos selvagens. (*Ubirajara*, p.12)

De principio, notamos que a obra é cheia de informação na advertência e no rodapé, que enfatizam as informações da narrativa, dando mais veracidade aos acontecimentos verídicos ou adulterados pelos registradores viajantes e missionários estrangeiros. “Os missionários encareciam assim a importância da sua catequese; os aventureiros buscam justificar-se da crueldade com que tratavam os índios.” (*Ubirajara*, p.12). Afirma Pinto, (1980, p.66)

Em *Ubirajara*, pré- história da conquista, resgata-se o indígena de qualquer contaminação: a anotação prefacial abertamente hostiliza missionários e aventureiros cruéis que figuraram os selvagens como bárbaros canibais, feras humanas.

Essa foi a maneira de Alencar criticá-los sobre a imagem dos índios que eles transferiram para sociedade, “feras humanas”, isso para justificar as barbáries, que se praticavam contra os índios. Alencar em sua obra tentou dar um estilo heroico para os selvagens.

O caráter heroico de *Ubirajara* é evidente, devido suas façanhas de único personagem protagonista, por isso ele é um herói mítico. A narração envolve vários elementos fantásticos, históricos e façanhas extraordinárias, o mesmo é fonte inesgotável de inspiração, com traços típicos de honra, fidelidade, beleza e coragem.

O personagem o *Ubirajara*, que dá nome ao livro, é um grande guerreiro da tribo Araguaia, que buscava uma grande proeza, encontrar um rival a sua altura de coragem e força. “Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrível para vencê-lo em combate de morte e ganhar nome de guerra.” (*Ubirajara*, p.13) Nesse momento, o nome dele é Jaguaré, ele está em combate com uma onça, mas não e esse combate que vai dar-lhe o nome de sua vitória, e sim um combate com um rival, que se iguale a ele em coragem e força. Com a vitória, poderá tornar-se homem, chefe, podendo casar-se com a índia Jandira de sua nação. Esse é um dado muito forte da sua cultura, que representa a passagem do menino para

homem, através de uma vitória gloriosa, por isso a busca pelo homem mais feroz, forte que ele.

Jaguarê consegue encontrar um rival a sua altura na tribo dos Tocantins, uns dos homens mais fortes da tribo, Pojucã. Em um combate venceu seu rival, Pojucã, tornando-o seu escravo e levando-o para a sua tribo. Nesse momento, ele recebeu o nome de guerra: Ubirajara.

E Jaguarê, brandindo a arma da vitória, bradou:  
 Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, que venceu o primeiro guerreiro dos guerreiros de tupã.  
 Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro terrível que tem por uma arma uma serpente. (*Ubirajara*, p.31)

Com o nome, Ubirajara já podia casar-se com Jandira, a mais bonita das mulheres de sua tribo, mas não a quis mais, queria Araci, a mais bela da tribo dos Tocantins. Como um grande guerreiro, ele precisa de uma grande esposa. Isso tudo acontece como um ritual, cheio de mistérios, nisso tudo o engrandecimento da cultura indígena, presente na obra alencariana.

Ubirajara foi buscar sua virgem Araci na tribo do Tocantins e Jandira ficou muito triste. Araci usava uma “liga vermelha que cingia a perna” o que significava que guerreiro jamais a possuía, que não poderia ser tocada por nenhum guerreiro. A liga representava sua castidade, sua pureza. Para alguém possuir a virgem tinha que passar por um ritual.

Nas terras dos Tocantins, Ubirajara foi recebido com o “cachimbo da paz”, com toda hospitalidade, pois o “o hóspede é mensageiro de Tupã. Ele traz a alegria à cabana; e quanto parte, leva consigo a fama do guerreiro que teve a fortuna de o acolher.” (*Ubirajara*, p.50) Isso era costume dos selvagens, passado de geração para geração; deram –lhe de comer, servas para servir “ essas eram as mulheres livres, davam seu amor e o retiravam quanto queriam, mas não recebiam a proteção de um guerreiro para defendê-las, nem podiam jamais ser mãe da prole.”(*Ubirajara*, p.57) Nesse momento Ubirajara recebe o nome da hospitalidade “- Eu sou aquele que veio trazido pela luz do céu. Chamo-me Jurandir.” (*Ubirajara*,p.52)

Jurandir então pede ao pai de Araci “-Jurandir não veio à tua cabana para receber a hospitalidade; veio para servir ao pai de Araci, a formosa virgem, a quem escolheu para esposa. (*Ubirajara*, p.59) A partir daí, começa o ritual para o combate nupcial, “essa é a única das festas guerreiras, em que o rito de Tupã consente a presença das mulheres, porque trata-se de uma glória.”(*Ubirajara*, p.66) Araci não tira os olhos de seu Jurandir. Jurandir lutou contra todos e vencendo-os, e ganhou a virgem Araci. Nesse momento, o pai dela perguntou seu nome, ele respondeu Ubirajara, revelando-se. Foi o bastante para o início da guerra entre

as duas nações Tocantins e Araguaias, pois o guerreiro Pojucã, filho do chefe Tocantins e irmão de Araci, era o seu escravo.

Houve uma batalha sanguenta, entre as tribos Tocantins e Tapuias que terminou com a morte do maior guerreiro tapuia, e perda da visão do chefe Tocantins. Foi selada a união das flechas dos chefes Tocantins com Araguaias. Dessa união das duas tribos, nasceu a tribo Ubirajara.

As duas nações, dos Araguaia e dos Tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do herói.  
Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.  
Mas tarde, quando vieram os caramurus, guerreiros do mar, ele campeava ainda nas margens do grande rio. (*Ubirajara*, p.94)

Com a união das nações, Ubirajara casa-se com Araci, mas fica triste por Jandira, então há o matrimônio de Ubirajara com Araci e Jandira. “-Araci é a esposa do chefe tocantins; Jandira será esposa do chefe araguaia; ambas serão as mães dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes, e o senhor das florestas.”(*Ubirajara*, p.94) Houve a poligamia, mas o fato de Ubirajara ser um grande guerreiro justificava a posse de duas esposas.

A superioridade do herói Ubirajara vai se destacando ao longo da narrativa, havendo uma transformação de caçador a guerreiro e a chefe de duas nações, há a passagem de homem a quase um deus. Isso foi maneira de Alencar enfatizar a glória do selvagem sobre os demais.

Esta obra é intimamente crítica, por nos situar no espaço dos selvagens antes da colonização, nos dando outra visão sobre a cultura dos selvagens e confrontando-se com os primeiros textos do descobrimento do país, considerando os índios como feras selvagens. Alencar deixa claro que tudo não passava de inverdades sobre os índios, para poder justificar as crueldades que eles praticavam contra os selvagens.

Essa obra é muito diferente de *O Guarani* e *Iracema*, pois aqui predominam os costumes dos selvagens, sem haver nenhuma interferência no seu culto à natureza e a sua pureza e lealdade com seus costumes; Alencar deixa claro que os costumes dos índios são passados dos mais velhos para os jovens. “Era este o costume herdado de seus maiores.” (*Ubirajara*, p.48)

### 3.2 O Guarani

A obra foi um sucesso no século XIX, em que foi lançada e publicada em folhetins semanais. Na introdução de *O Guarani*, Proença confirma o sucesso com esta afirmação: “Famoso, o romance não só penetra nos batistérios, com os Peri e as meninas Ceci, que vão

nascendo, mas ainda é posto em música por Gomes, em ópera que se tornou célebre.”(*O guarani*, p.6).

A obra se inicia com apresentação da riqueza da vegetação, ainda impenetrável pelos colonizadores. “A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor, floresta virgens se estendiam ao longo das margens do rio.”( *O guarani*, p.11) O rio Paquequer, exuberante “ saltando de cascata em cascata, vai depois se espreguiçar na várzea no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leite.”(*O guarani*, p.12.) Depois da apresentação do poderoso rio, temos a vista da casa de D. Antônio Mariz, em cima de um rochedo, “via-se à margem do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.”(*O guarani*, p.12) Essa era a primeira visão da casa da Vessada, um castelo “feudal da Idade Média”, protegido de todos inimigos como uma fortaleza e rodeada por toda a vegetação.

Na primeira imagem apresentada do índio em seu ambiente natural, não temos ideia de quem seria esse índio, caçando uma onça; cada um com seus modos selvagens se defendendo, caça e caçador. Nesse momento, já são apresentadas características do índio como força, coragem e esperteza.

Assim, estes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com suas armas, cada um com a consciência de sua força e de sua coragem,[...]  
O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a coisa de quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma força de elasticidade extraordinária,[...]  
Foi cair sobre o índio,[...]  
A velocidade do salto monstruoso foi tal que,[...] já a fera o trocava o chão com as patas.  
Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade. (*O guarani*, p.20)

Este é o índio Peri, com toda sua coragem de homem nobre. Vivia com D. Antônio, em sua casa, e sua família; D. Lauriana, esposa, seus filhos Cecília e D. Diogo e uma sobrinha Isabel (filha D. Antônio com uma índia) e uns aventureiros, em destaque Álvaro e Loderano. A onça, que ele caçava, era para Ceci. Todos na casa adoravam Ceci, mas os três homens Álvaro, Loredano e Peri, tinham por ela sentimentos diferentes: “Loredano desejava; Álvaro amava; Peri adorava.” (*O guarani*, p.36,)

Loredano desejava Ceci, com tal obsessão, que era capaz de tudo para ter seu corpo gracioso. Isso devido seu passado como padre; ele ainda não tinha sentido o desejo e o prazer da carne, por isso poderia até matar para possuir aquele corpo de mulher, inocente e sem pecado.

Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requiemava o sangue: o

instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentada pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre o ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão. (*O guarani*, p.35)

Já Álvaro amava Ceci com o sentimento que era “uma afeição nobre e pura cheia de graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração[...].”(O *guarani*, p.36) Ele era um verdadeiro cavalheiro e amava Ceci como tal.

Em Peri, esse sentimento era de adoração pela imagem de Ceci, ele a adorava como um escravo a uma deusa, e tanto que abandonou sua família para ficar servindo os caprichos dela. Ele nunca a olhou com olhos de homem, e sim, de escravo para sua senhora.

Em Peri, o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual na entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menos de seus desejos. (*O guarani*, p.36)

Na obra, Ceci era linda com os cabelos da “cor do ouro” e um jeito muito inocente de mulher, pura e com uma beleza extraordinária, amava a todos sem restrições. Seu jeito de mulher era idealizado pelo índio, quase uma divindade do céu. Alencar assim a descreve:

Os grandes olhos azuis,[...]  
Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor da gardênia dos nossos campos,[...]o hálito doce e ligeiro exalava se formando um sorriso. Sua tez, alva e pura como floco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa[...]  
O seu traço era do gosto mais mimoso e mais original que é possível conceber; mistura de luxo e de simplicidade.(*O guarani*, p. 22)

Ceci era representação dos europeus em um ambiente selvagem, sua delicadeza fazia contraste com natureza. Sua prima Isabel, era o oposto dela, possuía, na sua cor selvagem um odor de pecado, da sedução e malícia, tudo isso inocentemente. Era representação do povo brasileiro na sua graça.

[...] era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade.  
Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhoso, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível. (*O guarani*, p.23)

Isabel mestiça, filha de D. Antônio com uma índia, era imagem das mulheres brasileiras, em sua formosura, de corpo perfeito e uma pele cor de cobre, a representação da



mulher selvagem. Sua beleza era tanta que Álvaro se apaixonou por ela, mas não vivem esse amor. Álvaro feriu-se em uma batalha, contra os aventureiros revoltosos e os índios da tribo dos aimorés parecia estar morto. Isabel, apaixonada por ele, enganada com o seu estado, se suicida. Repete-se a mesma história de Romeu e Julieta, de Shakespeare.

Essa batalha em que Álvaro foi ferido, teve início com os aventureiros, que a mando de Loderano queriam sequestrar Ceci, para tê-la como mulher e matar a todos que viviam na casa, aproveitando-se do ódio dos aimorés contra o filho de D. Antônio, por ele haver matado uma índia dessa tribo. Os índios, com sede de vingança, cercaram a casa e deram início a guerra. D. Antônio estava lutado contra dois inimigos ferozes, de um lado, Loderano e do outro, os índios selvagens, que se alimentavam de carne humana.

Em todo momento, há exaltação à religiosidade. A família do fidalgo estava sempre a buscar a presença de Deus. Isso é uma das características do Romantismo que idealizava a relação do homem com Deus, o que fica muito claro, no romance. Há um capítulo “A Prece” em que a “Ave-Maria” é um trecho cíclico, ou seja, “...que acha em si o começo e o próprio fim.” (*O Guarani*, p.7)

D. Antônio de Mariz, adiantando -se até à beira da esplanada para o lado do acaso, tirou o chapéu e ajoelhou.

Ao redor dele vieram grupar-se sua mulher, as duas moças, Álvaro e D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de círculos, ajoelharam-se a alguns passos de distância.

.....  
Era uma cena ao mesmo tempo simples e majestosa a que apresentava essa prece cristã, meio selvagem; em todos aqueles rostos [...] respiravam um santo respeito. (*O Guarani*, p.30)

Um momento de contemplação dos homens com Deus, em um ambiente extremamente selvagem, a religiosidade é tão presente que, até no momento de invasão da casa da Vessada, pela tribo aimoré, no momento de desespero, os católicos buscam na religiosidade sua salvação. Como a família de Ceci era muito religiosa, a condição para deixá-la nas mãos de Peri, na tentativa de salvá-la é batizá-lo, dando-lhe o seu próprio nome, narrado deste modo:

[...]e referiu como D. Antônio o tinha o batizado, e lhe havia confiado a salvação de sua filha.

- Tu és cristão Peri? [...]

- Sim teu pai disse: “Peri, tu és cristão; dou-te o meu nome!”

-Obrigado, meu Deus, disse a menina juntando as mãos erguendo os olhos ao céu. (*O guarani*, p.189)

Mas os índios conseguira invadir a casa e matam todos; D. Antônio e sua família e os aventureiros, só quem escapou foi Ceci e Peri que fogiram em canoa pelo rio Paraíba. Como mando do destino, aconteceu um dilúvio e com ele, pressupõe-se que Ceci se relaciona com Peri, havendo a miscigenação das raças.

Ela embebeu os olhos do seu amigo, e lânguida reclinou a loura fronte.  
 O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.  
 Fez-se no semblante da virgem um ninho de casto rumores e límpidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo saltando o vôo.  
 A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia[...]  
 E sumiu-se no horizonte[...](*O guarani*, p.203)

O trecho acima sugere que Ceci e Peri não morreram, o seu gesto de amor, salvou-a, abriu esse espaço para um mundo indeterminado, o do próprio mito. Desse modo, com a valorização do homem em seu estado natural e a idealização da mulher, Alencar tentou reconstruir o mito da origem, criar uma figura nacional aqui, representada pelo índio Peri. Um índio que, apesar de amar a liberdade, moldou-se à fidalguia do branco, que lhe outorgou “pelo ato de nomeação, nova identidade religiosa e pessoal” (BOSI, 2003, p.178)

A liberdade é algo tão precioso para os seres primitivos, que Peri necessita das florestas para ser o herói de sua gente. Por isso, ele vive intensamente na natureza.

- A planta precisa do sol para crescer, a flor precisa de água para abrir, Peri precisa de liberdade para viver.  
 - Mas tu serás livre, e nobre como meu pai!(Ceci )  
 - Não![...] O pássaro que voa nos ares cai, se lhe quebram as asas; o peixe que nada no rio morre, se o deitam em terra; Peri será como pássaro e como peixe, se tu cortas as suas asas e o tiras da vida em que nasceu. (*O guarani*, p.110)

Essa é uma das características de Alencar, ao idealizar o índio, no seu ambiente natural, em uma floresta quase virgem, apesar de o contato com os portugueses. É esse encontro que dá origem ao mito da construção da nossa identidade nacional e para fundação de uma nação recém independente.

Alencar descreve D. Antônio como um verdadeiro fidalgo medieval em seu castelo no interior do Brasil. Outro aspecto que gostaríamos de ressaltar é o modo como D. Antônio gosta das paisagens e do ambiente, chegando até a expressar seu pensamento “- Tenho sessenta anos,... estou velho. O contato deste solo virgem do Brasil, o ar puro destes desertos remoça-me os últimos anos[...]"(*O guarani*, p.90) A

beleza brasileira o presenteava com mais vigor. O fidalgo português era um homem muito leal, de honra, bondade e sabedoria.

- Aqui sou português! Aqui posso respirar à vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás na alma de teus filhos. Eu juro!  
Descobrimo-se, curvou o joelho em terra, e estendeu a mão direita sobre o abismo, cujos ecos adormecidos repetiram ao longe a última frase do juramento prestado sobre o altar da natureza [...]”(O *guarani*, p.13)

Para dar mais veracidade a sua história, Alencar envolve fatos reais com fatos fictícios. Em vários momentos, aparecem datas para relacionar o narrado com fatos históricos.

[...] quando pois, foi aclamado no Brasil D. Felipe II como o sucesso da monarquia portuguesa, o velho fidalgo embainhou a espada e retirou-se do serviço.  
Por algum tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro II da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa, colocada sobre a cabeça do legítimo herdeiro,  
Depois, vendo que esta expedição não se realizava, e que seu braço e sua coragem de nada valiam ao rei de Portugal, jurou que menos lhe guardaria fidelidade até a morte. (O *guarani*, p. 13)

Alencar tentou, através disso, dar um aspecto de veracidade a sua narração, uma vez que os nomes D. Antônio Mariz e D. Lauriana são nomes de personagens da história brasileira. Ele, um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro, e que havia jurado fidelidade ao rei de Portugal, conforme nos conta Alencar, no trecho acima.

### 3.3 Iracema

O romance, *Iracema* (1865), na realidade é uma lenda que dá origem ao estado do Ceará. Origem essa que se deu através da junção do português Martim com a índia Iracema. Esta obra está voltada mais para povo primitivo, pois diferente de *O Guarani*, em que o índio Peri foi para casa de D. Antônio, o colonizador, Martim foi para o meio dos índios, para sua floresta e ocas.

Na costa do litoral aonde os barcos deixaram os estrangeiros, foi o ponto de partida da expedição em que vinha Martim, mas ele se perdeu na floresta, encontrado Iracema, a índia mais bela da tribo dos tabajaras, banhando-se no rio.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que

bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem o corpo.  
Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gostas de sangue borbulham na face do desconhecido. (*Iracema*, p.21)

Este foi o primeiro contato com a índia Iracema. Ela ficou assustada com o estrangeiro, devido a cor de sua pele e de seus olhos, mas o convidou para ir até a tribo dos tabajaras. Martim aceitou o convite e foi com Iracema.

Na tribo dos tabajaras, Martim foi recebido pelo pajé Araquém, como manda a tradição, é recebido com o “fogo da hospitalidade”. Com os tabajaras, Martim foi tratado muito bem, deram-lhe de comer, umas mulheres para lhe servir, as mais belas da tribo e guerreiros para defendê-lo, mas Martim não queria suas servas e sim, Iracema, mas “Iracema não pode ser tua serva. É ela que guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o pajé a bebida de tupã.” (*Iracema*, p.23) Mas ela, com um amor enorme, entrega-se a Martim.

Quando a virgem tornou,[...] apresentou ao guerreiro a taça agreste:

- Bebe!

Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte; [...]

.....  
-Iracema ! Iracema !

Cedendo a meiga pressão, a virgem reclinou-se ao peito do guerreiro, e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz, quando terno companheiro lhe arrufa com uma voz com o bico a macia penugem.

O lábio do guerreiro suspirou mais uma vez o doce nome, e soluçou, como se chamara outro lábio amante. Iracema sentiu que sua alma escapava para embeber-se no ósculo ardente. (*Iracema*, p.26)

Em momento místico de embriaguez, Martim faz amor com Iracema. No seu pensamento tudo passava de um sonho, e quanto viu que tudo era realidade, ele se assusta, pois quem possuísse a virgem dos lábios de mel iria morrer, pois o “-Amor de Iracema é como o vento dos areias, mata a flor das árvores. [...]” (*Iracema*, p.28). O estrangeiro tem que morrer, uma vez que “- O mel dos lábios de Iracema é como o favo que, abelha fabrica no tronco da andiroba: tem na doçura o veneno.[...] ”(*Iracema*, p.29) Mas por causa da hospitalidade não podem fazer nada com ele, então Martim foi embora levando Iracema e Poti, para as terras da tribo do pitiguaras, inimiga dos tabajaras.

Os tabajaras e pitiguaras logo iniciam uma guerra. Iracema que está nas terras do inimigo começou a entristecer-se. “Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos [...]”(*Iracema*, p.45) . Devido essa guerra, Iracema, Martim e Poti foram embora para terras mais perto do litoral. Nesse momento, há o batismo de Martim como verdadeiro guerreiro da mata por Iracema e Poti.

-O nome de teu irmão está no corpo, onde o pôs tua mão.  
 -Coatiabo! Exclamou Iracema.  
 - Tu disseste, eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da esposa e do amigo.  
 Poti deu a seu irmão o arco e o tacape, que são as armas nobres dos guerreiros. Iracema havia tecido para ele o cocar e a araçóia, ornatos dos chefes ilustres. (*Iracema*, p.53)

Apesar de batizado, como manda a tradição indígena, Martim não usou o nome dado por Iracema, e nem as armas, ou seja, continuou com sua vida de cristão, o que significa a uma negação de Martim à cultura indígena.

Iracema já grávida fica cada vez mais triste com a demora de Martim em voltar das expedições, pois ela vê nos olhos de Martim a saudade de sua pátria. “- Teu corpo está aqui; mas tua alma voa à terra de teus pais, e buscar a virgem branca, que te espera”.(*Iracema*, p.57)

Iracema tem seu filho Moacir “o nascido de meu sofrimento” (*Iracema*, p.60). Ela ficou cada vez mais fraca e, ao mesmo tempo, solitária na alma e no coração, nem seu filho a alegrava. Quando Martim chegou Iracema já estava sem força.

O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema, com o filho no regaço, e o cão a brincar[...]  
 -Iracema!...  
 A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços e apresentá-lo ao pai, que o olhava extático em seu amor.  
 -Recebe o filho de teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!  
 Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu,[...](*Iracema*, p.63)

Foi deste modo que autor descreveu a morte de Iracema. Sua amiga, a jandaia que estava com ela nos momentos mais solitários e felizes, costumava chamar por ela.

-Iracema!  
 Desde então os guerreiros pitiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.  
 E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde cresce o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio. (*Iracema*, p.64)

Moacir é o primeiro filho da terra do Ceará, o ancestral da raça brasileira, filho da união de uma índia com um português. Martim partiu para sua terra com Moacir, mas voltou com um sacerdote cristão para catequizar a terra dos selvagens.

Poti foi o primeiro que aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deveriam ter ambos um só Deus, como tinham um só coração.

Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir,[...] (*Iracema*,p.64)

O primeiro a receber o batismo foi seu amigo Poti, como forma de união com seu amigo branco. Martim ficou nas terras do Ceará com seu filho, germinando a palavra de Deus, mas com muita saudade da índia Iracema, pois cada canto daquela terra representava Iracema na sua pureza e no seu inocente amor.

Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as plagas onde fora tão feliz, e as verdes folhas as cuja sombra dormia a formosa tabajara.

Muitas vezes ia sentar-se naqueles doces areias, para cismar e acalantar no peito a agra saudade.

A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.(*Iracema*, p.65)

O amor de Martim só se fortaleceu com a morte da índia tabajara. Há nos romances *O Guarani* e *Iracema* a presença de português como pessoa amada. Em *O Guarani*, o amor de Peri é um culto a sua senhora branca; do mesmo jeito, o amor de Iracema por Martim, ela abandona toda sua família, sua crença, para segui-lo. Moacir, seu filho, fruto da junção de duas raças, é que individualiza o romance. Como afirma Sommer (2004, p.185)

Em Iracema pode-se notar que a virgem morena dos lábios de mel[...] morre no final, porém não antes de gerar um filho mestiço, e nem antes de Martim se dar conta de que sua ausência representava uma perda.

A perda de Iracema representava a perda dos povos indígenas, pois Martim volta com mais pessoas para catequizar os índios, em *O Guarani* pressupõe-se essa miscigenação das raças. Esses romances são a prova que a “ficção não é exatamente irreal”, pois “Alencar e seus leitores se deparam com Moacir, com muitos Moacires, Iracemas e Peris” (SOMMER, 2004, p.201) Essa é a resposta do povo “à brasilidade, tanto tupi quanto não tupi”, é a prova do reconhecimento de Alencar.

Zenir Campos Reis, no artigo introdutório de *Iracema, Um novo mundo*, nas edições da Editora Ática, tem a seguinte opinião:

A poesia de Iracema volta a falar da Natureza. Recapitula, baseada nas informações dos cronistas e trabalhada pela mão do poeta-romancista, as contraditórias relações, ao mesmo tempo de amor e crueldade, “vínculo e violência” entre colonizador e Colônia.

O idílio de Martim com Iracema pode ser entendido, nesse contexto, como conversa de Alencar com seus contemporâneos: como reivindicação poética em nome da natureza e como memória do doloroso nascimento do homem no novo mundo.

A isto lembramos, que o mundo novo é o mundo ainda não dominado pelo branco, é o mundo do nosso índio.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término do artigo, pudemos constatar que o Romantismo foi um movimento muito eficaz na formação da literatura brasileira, pois foi através desse movimento que começou a surgir uma nova linguagem literária, sem influências estrangeiras. Muitos escritores fizeram parte desse movimento, mas destacamos José de Alencar, o grande nome do indianismo brasileiro, que com suas obras indianistas, na busca do símbolo nacional, considerou o índio que viveu aqui. Além do seu mundo imaginário e sua cultura, este escritor viu neles a fonte para a literatura pós- independência, momento de efervescência em todo país.

Com as obras, *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, Alencar nos deu uma visão do índio diferente dos primeiros textos escritos por estrangeiros. Alencar traz o índio como símbolo nacional, apesar de ser representado com algumas características muito parecidas com as de verdadeiros cavalheiros do tempo medieval, como no caso de Peri. Alencar trouxe em suas obras o engrandecimento da floresta ainda virgem, o culto, a religião dos selvagens e dos portugueses, mas com predominância da religião dos portugueses sobre os índios, assim como o amor platônico dos selvagens pelos portugueses.

Há, na exaltação da cultura e seus rituais misteriosos, a hospitalidade e o casamento. Narrando o mito da fundação do estado do Ceará, tratou do primeiro mestiço do Brasil na figura de Moacir, filho do sofrimento da índia Iracema com o português, Martim. Em *O Guarani*, pressupõe-se essa miscigenação das raças, pois Peri e Ceci são levados pelas águas do rio Paraíba. Em ambas narrativas, há o sacrifício dos índios sobre sua cultura e seu amor.

Portanto, Alencar faz do índio um herói nacional exaltado em suas glórias e suas virtudes, como homem nobre. Suas narrativas são fontes de conhecimento sobre a floresta e nossas lendas tupis. Alencar nos passa uma grande admiração pelo Brasil e um desejo enorme de criar uma literatura nacional.

